

O USO DAS REDES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DIGITAIS

BRUNA GERMANA NUNES MOTA

UFCE. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Pela Universidade Federal do Ceará e Bolsista FUNCAP

Introdução

As forças que estão em ação na Internet trazem como análise uma fantástica ferramenta para espaçar caminhos novos e abrir a escola para o mundo. Os alunos atualmente disponibilizam de instrumentos tecnológicos eficientes em agregar novos conhecimentos.

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação,¹ (TDIC), tem como papel na educação visar horizontes na atuação dos professores que não se limitam à simples melhoria da eficácia do ensino tradicional ou apenas à utilização das tecnologias no contexto escolar. As TDIC têm como objetivo trazer novas concepções educacionais voltadas para a natureza do saber, valorizando novas vivências e práticas escolares através do desenvolvimento de interfaces entre escola e instituições como bibliotecas e museus.

Os professores entendem que toda filosofia de aprendizagem mudou muito nos últimos anos. Desenvolver projetos educacionais via redes não pode ser pensado apenas como uma forma diferenciada de promover ensino. Eles são formas poderosas de interação, cooperação e articulação que podem abranger professores e alunos. Quando os professores mudam sua maneira de ensinar, passando de fornecedores do conhecimento a companheiros do processo de aprendizagem, vemos as tecnologias serem colocadas de modo drasticamente diferenciadas.

¹ Novas Tecnologias de Informação e Comunicação são aquelas referentes “aos processos e produtos relacionados com os conhecimentos provenientes da eletrônica, da microeletrônica e das telecomunicações”. (KENSKI, 2007, p.25)

É muito enriquecedor, com o uso das tecnologias, a interação entre professor e aluno, pois além de possibilitar as trocas de conhecimentos de forma instantâneas, apenas em um clique on-line, eles, professores e alunos promovem ao aprendizagem de maneira significativa, ou seja, o que se encontra em seu dia a dia, já que o fator tecnologia serve como apoio ao processo metodológico do conhecimento.

A utilização das redes sociais na sala de aula não é nada fácil, pois ensinar usando a *internet* exige uma forte dose de atenção do professor. Diante de tantas possibilidades de busca, a própria navegação se torna mais sedutora do que o necessário trabalho de interpretação. Os alunos tendem a dispersar-se diante as diversas conexões possíveis. (MORAN, 2009)

“O mundo da internet”, possibilita as várias conexões de conteúdos. É uma espécie de museu ou biblioteca, porém basta acessar o site que nos deparamos com os mais distintos conteúdos sem ao menos sair de nossas casas. Visitar outros países, conhecer outras culturas sem nunca ter saído da comodidade do nosso lar.

Porém, o uso da tecnologia de forma despercebida pelo professor, poderá causar acesso a um mundo perigoso, visto que não se sabe ao certo quem se encontra atrás da tela de um computador.

O papel do professor torna-se essencialmente mais importante diante do uso das tecnologias. A mediação entre esses conhecimentos e a interação entre o computador e o professor é de suma relevância para um aprendizado com qualidade. Visto que o docente deve usar a tecnologia como um aliado e não como prejudicador no processo metodológico de aprendizado.

É importante que o professor entenda a necessidade de mudanças nas práticas educativas, que são compreendidas como forma de conduzir o ensino, que meios e objetos serão utilizados para esse fim. Conta ainda como se dá a participação dos envolvidos no processo de aprendizagem e se os objetos foram alcançados. Esses são elementos fundamentais da prática educativa.

Dentro deste complexo processo tem a participação essencial em organizar a prática, observar e orientar as ações das quais pretende alcançar.

Como manter as práticas pedagógicas atualizadas com esses novos processos de transação de conhecimento? Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e, sobretudo, os papéis de professor e aluno. (LÉVY, 1999. P.158)

Utilizar as tecnologias e as redes sociais na sala de aula não é o bastante quando aquela ação não traz a construção de conhecimento sem gerar conteúdos, principalmente quando não há intervenção do professor. O uso das tecnologias como forma de ensino precisa de uma orientação pedagógica, havendo a necessidade de ultrapassar o conceito de ensino tradicional apenas para a transmissão de conhecimento. Propor aos alunos outras formas de adquirir informações e de como selecioná-las, exercitando a capacidade do aluno em analisar de forma crítica a elementos disponíveis na *internet*. Um dos objetivos a ser cumpridos com o uso das tecnologias é possibilitar a construção do conhecimento de forma significativa ao aluno. Ou seja, a favor da busca do conhecimento com qualidade.

Na sociedade hodierna fala-se da cultura digital, não se trata da digitalização da cultura, mas a criação de uma outra cultura, com outros referenciais, com outra cientificidade (ou seja, uma outra maneira, um outro conceito de cultura) e uma outra maneira de conceber o que deve ser considerado ou não cultura e de como é que você olha as outras culturas.

Foucault percebeu que talvez o mundo esteja indo para outra formação, talvez estejamos entrando numa outra formação histórica e que há uma transformação profunda no campo da vida, do trabalho e da linguagem.

Surge como consequência de uma nova cultura e formação, os processos de virtualização. Segundo Pierre Lévy a virtualização não afeta apenas a informação e a comunicação, mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do “nós” : comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual...Embora a digitalização das mensagens e a extensão do ciberespaço desempenham um papel capital na mutação em curso, trata-se de uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização.

Dentro desta perspectiva o processo de virtualização traz uma modelagem que interferem na organização de informações e na partilha de valores na ordem social e cultural da sociedade.

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força e potência. Na filosofia escolástica, é virtual que existe em potência e não no ato. O virtual tende a atualizar-se sem ter passado, no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas o atual: virtualidade e atualidade são duas maneiras de ser diferentes.

Para transformar o espaço virtual em realidade dentro do âmbito escolar não é uma ação fácil e prática. É importante garantir aos alunos a formação e a aquisição de novas habilidades e valores para que possam viver e conviver em uma sociedade em permanente processo de transformação (KENSKY, 2007).

Para ter alunos exploradores, precisamos de professores que estimulem a exploração. Para lidar com a Era da Informação dentro e fora da sala de aula, precisamos de professores que possam ensinar os alunos a gerenciar as informações por meio das tecnologias disponíveis e que possam ajudá-los a transformar informações em conhecimento. (HECHINGER & KOCH, 1993, p. 56).

A escola é o espaço social fundamental para alimentar a relação entre aluno e informação. É necessário que a escola tenha cons-

ciência de que o seu dever é preparar os alunos para serem críticos e analisar o excesso de informação e as mudanças com a finalidade de lidar com a rotatividade de informações e com os conhecimentos em várias áreas.

Redes sociais na sala de aula

Ensinar utilizando a *internet* exige uma forte dose de atenção do professor. Diante de tantas possibilidades de busca, a própria navegação se torna mais sedutora do que o necessário trabalho de interpretação. Os alunos tendem a dispersar-se diante de tantas conexões possíveis, de endereços dentro de outros endereços, de imagens e textos que se sucedem ininterruptamente. Tendem a acumular muitos textos, lugares, ideias, que ficam gravados, impressos, anotados. Colocam os dados em sequência mais do que em confronto. Copiam os endereços, os artigos uns ao lado dos outros, sem a devida triagem. Portanto, cabe ao professor planejar bem o que vai ser trabalhado, orientando os alunos a analisar, comparar, separar o que é essencial do acidental, hierarquizando idéias, assinalando coincidências e divergências. (MORAN, 2009)

O uso da internet deve ser acompanhado pelo orientador, o que se gera muitas discussões é também pelo fato de o professor pedir a seus alunos que elaborem um texto sobre determinado assunto, muitos alunos, não pretendendo generalizar utilizaram o recurso que a internet possibilita para o conhecido copiar e colar, fazendo com que o aluno abandone suas ideias e críticas para se acomodar em algo que já se encontra pronto.

A internet usada desse modo, não possibilita a construção de novos conhecimentos, e sim possibilita a ausência da criatividade existente nos discentes. Porém, não podemos deixar de ressaltarmos que a mesma navegação que poderá prejudicar a caminhada do conhecimento, é a mesma que te fornece subsídios suficientes para um ótimo trabalho, para acelerar suas idéias e até fazê-las com

um suporte maior de informações. Pois bem, o segredo é utilizar-se da navegação como material de apoio e não como substituição da mente.

O uso das redes sociais na sala de aula deve passar por uma sistematização ou uma seleção das ferramentas das quais se pretende utilizar, caso o professor não tenha uma proposta ou não oriente e não verifique se os alunos estão produzindo conteúdo de fundamento, a aprendizagem por esse viés perderá a essência da qual defendemos.

O pesquisador da Unicamp coloca as dificuldades que muitos educadores passam para integrar o uso das redes sociais na sala de aula, uma delas é a falta de apoio da gestão escolar, já que muitos professores têm vontade e interesse em utilizar a ferramenta como proposta pedagógica, mas utilizá-la de forma isolada é complicado. Isso porque o ensino tem uma estrutura hierarquizada, difícil de ser transformada e é por esse motivo que nenhum país usa as redes sociais na sala de aula, mesmo a Coreia do Sul e a Dinamarca, países tecnologicamente avançados e com bons resultados nas avaliações educacionais, não conseguiram.

A solução que vejo para esse impasse seria as ferramentas de redes sociais usadas como prática pedagógica e não somente isso, mas de forma integrada ao currículo. Não adianta acessar as redes sociais na escola sem uma proposta de ensino. É comum observar adolescentes usando a ferramenta em laboratórios de informática, mas o professor não intervém e não questiona o que fazem.

Tecnologias de informação e comunicação na sociedade e na educação

A análise desse título desenha os contornos de uma sociedade globalizada e focada no uso e na aplicação da informação e da comunicação no âmbito social e educacional.

A visão aproximada da ideia de tecnologia surgiu com a Filosofia Moderna no século XVIII, e com o Iluminismo, período conhe-

cido como o grande Racionalismo Clássico, no qual o homem passa ser o sujeito do conhecimento.

Segundo Castells (1999), o desenvolvimento tecnológico e as transformações das sociedades estão intimamente relacionados, embora “a tecnologia não determine a sociedade e nem a sociedade escreva o curso da transformação tecnológica” (p. 25), pois existem muitos outros fatores que determinam o resultado final. Superando a ideia de que a tecnologia seja, atualmente, responsável por toda e qualquer característica social e cultural. É necessário, no entanto, reconhecer que a tecnologia constitui-se num dos campos adaptativos da cultura, a partir do qual outras mudanças adaptativas e culturais se realizam. Como exemplo, tem-se os meios de comunicação que, nos últimos anos, passaram por uma verdadeira revolução tecnológica, gerando novas relações sociais, transformando a cultura e colocando novos desafios e necessidades aos indivíduos, principalmente no que concerne aos conceitos de tempo e de espaço (LARAIA, 2001).

Na educação de hoje, estamos em um momento estimulante e desafiador caracterizado pela mudança constante. Embora a *internet* aproxime-nos da promessa da tecnologia, que reformará nossos sistemas de educação, sabemos que as mídias educacionais, tomadas isoladamente, não influenciam o desempenho dos alunos. (KENSKY, 2007)

As Tecnologias de Informação e Comunicação, TDIC, tem como papel na educação visar horizontes na atuação dos professores que não se limitam à simples melhoria da eficácia do ensino tradicional ou apenas à utilização das tecnologias no contexto escolar. As TDIC têm como objetivo trazer novas concepções educacionais voltadas para a natureza do saber, valorizando novas vivências e práticas escolares através do desenvolvimento de interfaces entre escolas e instituições como bibliotecas e museus.

As tecnologias, na educação, têm como intenção melhorar a qualidade do ensino, além de possibilitar a inclusão digital. Não

afirmo que o uso de tecnologias será a salvação para a educação, mas acredito que podemos obter melhores índices de qualidade. O papel da escola, entre outros, é possibilitar a aprendizagem dentro de uma visão tradicional que a educação escolar deve preparar para a vida social, para a atividade produtiva e para o desenvolvimento técnico-científico. Mas em uma visão mais liberal, a escola é uma instituição que é necessária em todos os momentos de mudanças na sociedade.

A instituição escola é o espaço social fundamental para alimentar a relação entre aluno e informação. É necessário que a escola tenha consciência de que o seu dever é preparar os alunos para serem críticos e analisar o excesso de informações e as mudanças, com a finalidade de lidar com a rotatividade de informações e de conhecimentos em diversas áreas.

A instituição tem como função orientar seus alunos a aprender a trocar informações, assimilar informações e transformá-las em conhecimentos adequados para a produção de conhecimentos, criando estratégias para esse fim.

É importante garantir aos alunos-cidadãos a formação e a aquisição de novas habilidades, atitudes e valores para que possam viver e conviver em uma sociedade em permanente processo de transformação. Esse processo permitiu uma nova terminologia, a sociedade da informação, cuja preocupação é com o amplo uso das tecnologias digitais interativas em educação. O uso de tecnologias em educação exige uma nova postura com relação a abordagens pedagógicas, significa que essa mudança necessita de desafios, planejar e implantar propostas dinâmicas de aprendizagem em que possam exercer e desenvolver concepções sócio-históricas da educação, compreendendo os aspectos cognitivos, ético, político, científico, cultural, lúdico e estético em toda a sua plenitude e, assim, garantir a formação de pessoas para o exercício da cidadania e do trabalho com liberdade e criatividade. (KENSKY, 2007)

Artefatos culturais

Utilizar as tecnologias na sala de aula significa compreender instrumentos assistidos pela tecnologia, que estão intimamente relacionados com a produção de conhecimentos e o uso de recursos para a representação. Os artefatos culturais viabilizam a mediação cultural, através de representações e significados que permitem as pessoas interagirem entre si.

Os artefatos culturais são recursos tecnológicos utilizados no ensino de geometria, que são oriundas das noções primitivas de reta, ponto e plano. Segundo COLE (1996: p. 87): “a função básica desses artefatos é coordenar os seres humanos com o mundo físico e uns com os outros. Em conseqüência, os seres humanos habitam um ‘mundo duplo’, ao mesmo tempo ‘natural’ e ‘artificial’. A cultura, nesse sentido, deve ser considerada o único meio de existência humana”.

Engenharia didática

A engenharia didática foi desenvolvida na França com a finalidade promover um saber socializado, esta metodologia adota teorias gerais de Piaget ao privilegiar os aspectos cognitivos. A engenharia didática consiste no tripé professor, aluno e o saber. Esta metodologia pode ser utilizada em qualquer curso e até o ensino assistido por computadores e para educação a distância.

A engenharia didática é compreendida pelas seguintes etapas: análise preliminar, análise a priori, experimentação, *análise posteriori*. Para que o professor obtenha êxito é importante que todo o processo seja pensado, pois é uma prática pedagógica e que necessita de recursos, materiais e processos.

Fundamentos teóricos sobre pesquisa em história da educação

As pesquisas mediadas pela a História da Educação convergem com as citações acima, dentro do que colocamos como fontes

digitais, além do paralelo traçado entre o passado e presente. A sociedade hodierna vive em um grande momento de inovações resultante das mudanças nas formas de comunicação. Mas por lado, fala-se muito da preservação e acesso à memória, pois é através dela que se articula o tempo e o espaço do presente em sua relação com o passado.

A memória, diz a respeito, a identidade do homem, quanto mais facilidade a *internet* nos propõe, mais faz com que o usuário exercite menos cérebro e raciocine com pouca frequência, podendo ocorrer desde a impossibilidade de lembrarmos um nome de alguém ou até o desaparecimento das relações afetivas do passado.

Malerba (2006, p.13), cita Zagain que segundo a filosofia germânica moderna como Nietzsche e Heidegger, utilizada por intelectuais franceses desde a década de 1960. Quando faz referências às mudanças ocorridas na passagem do moderno para o pós-moderno ressalta como importante características o “repúdio final” em relação ao iluminismo, ou seja, a crença na razão e no progresso.

[...] em particular a noção de que a história humana é um processo de emancipação universal. No lugar de grandes narrativas do gênero, afirma-se, vieram uma multiplicidade de discursos e jogos de linguagem, o questionamento da natureza do conhecimento com uma dissolução da idéia de verdade, além de problemas de legitimação em vários campos. (p.13)

Resultados

O presente trabalho teve como objetivo fazer uma análise das forças que estão em ação na *internet*, que é uma ferramenta fantástica para espaçar caminhos novos e abrir a escola para o mundo, trazendo inúmeras formas de contato com os conectados no mundo inteiro. Mas essas possibilidades só acontecem se, na prática, as pessoas estão atentas, preparadas, motivadas para querer saber, aprofundar, avançar na pesquisa. Com esta abordagem,

pretendeu-se analisar e interpretar a dinâmica dos acontecimentos que transformam esse meio de comunicação através das redes sociais e como elas podem ser úteis na escola. Em alguns momentos da entrevista, é possível notar a empolgação de alguns alunos quando citei a possibilidade de utilização das redes sociais na internet. Acreditamos que, dessa forma, a dinamicidade seja efetiva, pois a curiosidade levará os alunos a uma possível integração e a um envolvimento na disciplina. Percebemos como a aprendizagem por identificação pode ser movida pela tentativa do indivíduo de retornar a um estado de prazer em consequência da curiosidade daquela prática na escola.

Referências bibliográficas

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução: Roneide Venâncio Majer. 6ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Cultura Digital.br/ organização Rodrigo Savazoni, Sergio Cohn. – Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

FONTES, Métodos e Registros para a História da Educação. / José Gerardo Vasconcelos, Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior e Francisco Ari de Andrade [organizadores]. – Fortaleza: Edições UFC, 2010.

HEIDE, Ann. **Guia do professor para a Internet**. Completo e Fácil. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

In: MALERBA, Jurandir. (Org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. Coleção Papirus Educação. Campinas, SP: Papirus, 2007.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?**. Tradução: Paulo Neves. Editora 34. Coleção; Trans, 1996.

MORIN, Edgar. **O método 4**: As ideias: habitat, vida, costumes, organização. POA: Sulina, 2001.

MOTA, Bruna Germana Nunes. **Redes Sociais na Educação: Possibilidades de Ensino e Aprendizagem**. Monografia (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, Fortaleza, 2011.

COLE, M. Desenvolvimento cognitivo e escolarização formal: a evidência da pesquisa transcultural. Em L.C. Moll (Org.) Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica. Porto Alegre-RS: Artmed, p.85-105, 1996.

Web referências

<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/educador+quer+rede+s+sociais+no+currículo+escolar/n1238187320827.html>. Acesso em 17 de abril de 2014

http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/terca_tema1/TerxaTema1Artigo17.pdf. acesso em 19 de março de 2014.

http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/terca_tema1/TerxaTema1Artigo17.pdf acesso em 15 de abril de 2014.